

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e*
<https://orcid.org/0000-0001-7615-0097>

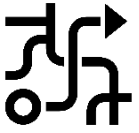
RESUMO: Na década de 1950, observou-se acentuado índice migratório de nordestinos para os grandes centros urbanos do Brasil, notadamente importantes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Para chegarem ao destino desejado, quase sempre utilizavam meios de transportes precários conhecidos como pau de arara. Dada a grande empreitada de resistência empreendida nesses caminhões, homens, mulheres e crianças foram alvos dos olhares da imprensa da época, que divulgava, entre outros aspectos, a condição de vida dessas pessoas no percurso e após a chegada, algo que se estendia por semanas. Um desses veículos de comunicação foi a revista *O Cruzeiro*, que produziu uma série de fotorreportagens dando ênfase nas imagens divulgadas, aos rostos das mulheres nordestinas e igualmente ao sofrimento de crianças migrantes, que em alguns casos, não resistindo à jornada, iam a óbito no percurso. É partindo disso que este texto tem como objetivo analisar a migração de crianças nordestinas por meio das fotorreportagens da revista *O Cruzeiro*, utilizando como fonte sete edições publicadas no referido veículo de comunicação entre os anos 1951, 1952 e 1955.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Nordestinos; Fotorreportagem; *O Cruzeiro*.

ABSTRACT: In the 1950s, there was a marked migratory rate of northeasterners to the large urban centers of Brazil, notably the important cities of São Paulo and Rio de Janeiro. To reach the desired destination, they almost always used precarious means of transport known as pau de arara. Given the great undertaking of resistance undertaken in these trucks, men, women and children were targeted by the press at the time, which disclosed, among other aspects, the living conditions of these people on the journey and after arrival, something that lasted for weeks. One of these communication vehicles was the magazine *O Cruzeiro*, which produced a series of photo reports emphasizing the images released, the faces of northeastern women and also the suffering of migrant children, who in some cases, not resisting the journey, died in the route. It is from this that this text aims to analyze the migration of northeastern children through the photo reports of the magazine *O Cruzeiro*, using as a source, seven editions published in the referred communication vehicle between the years 1951, 1952 and 1955.

KEYWORDS: Migration; Northeasterners; Photojournalism; *O Cruzeiro*

* Doutor em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Faz estágio de Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), supervisionado pelo prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro. Especialização em História do Brasil pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí (CEAD/UFPI)



INTRODUÇÃO

As migrações internas no Brasil, partindo de áreas ditas menos desenvolvidas economicamente para outras com pujança ou ascensão econômica, foram e continuam sendo recurso utilizado por uma quantidade significativa de brasileiros em busca de melhores condições de vida, quando estes encontram dificuldades para obterem meios de subsistências no seu local de origem.

Ao longo do século XIX, grandes foram as massas migratórias da região Nordeste para estados como São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 1950, identifica-se maior deslocamento em direção à capital paulista, ampliando a sua população em consequência da entrada dos nordestinos (FONTES, 2002). Até chegarem a essas regiões de destino, homens, mulheres, crianças e idosos utilizavam como meio de transporte com maior frequência os caminhões conhecidos como pau de arara. Esse termo era utilizado para se referir tanto ao veículo que transportava os migrantes, como ao próprio sertanejo que migrava do Nordeste para o Sul do país (CASCUDO, 1954)¹.

Comumente atribuídas na historiografia à seca, à falta de recursos e à concentração de renda, para o nordestino, a partida do seu local de origem era alternativa usada quando os recursos se escasseavam e havia a possibilidade de encontrar meios de sobrevivências nas regiões mais desenvolvidas do país. Metaforicamente as “nuvens fugidas” significavam a ausência de água, essencial para a sobrevivência na terra, sendo contributo impulsionador das migrações. Nesse contexto, o ato de migrar pode ser entendido como uma forma de resistência desses sujeitos, que ao agirem deixaram os vestígios da sua existência e de suas lutas. Os caminhos e condições a que eram submetidos ao longo da jornada migratória foram registrados por diversos veículos de comunicação tanto nesse período como em épocas distintas da história do nosso país, dando conta de que esses deslocamentos populacionais, de certo modo, moldaram a dinâmica da ocupação regional do Brasil ao longo do tempo.

¹ Uma das justificativas para a atribuição dúbia do termo pau de arara foi a seguinte: “é o termo usado nos sertões para designar atoleimados e os retirantes assim eram tidos; seria porque a armação de madeira e a lona colocada nos caminhões lembram a engrenagem feita para papagaios e araras, comuns nas casas do interior nordestino”, e ainda, por assemelharem-se os migrantes no gradil às araras agarradas aos paus” (MARTINS, 1951, p. 16 A).

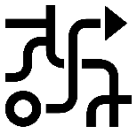


Por meio de fotorreportagens, a revista *O Cruzeiro* produziu uma série de fontes que nos permitem analisar esses fluxos migratórios tanto por meio da narrativa dos repórteres, como principalmente pelo vasto acervo de fotografias que eram disponibilizados em cada uma das edições publicadas. Com isso, analiso como a fotografia foi utilizada por meio da imprensa para explorar a condição do migrante nordestino, de modo especial a criança pau de arara. Para isso, verifico a forma como a imagem é capaz de idealizar, metaforizar e elaborar significação (DINIZ, 2001). Ao todo foram analisadas sete fotorreportagens publicadas pela *O Cruzeiro*, sendo três delas no ano 1951: “O drama dos paus de arara – A retirada da fome”, “A tragédia dos deslocamentos nacionais – Sertanejos no asfalto”, “O trágico ciclo das secas – A Odisseia no Nordeste”; três em 1952, “Arigós em paus de araras – A fuga da seca e da miséria”, “Retirantes em São Paulo – Gado Humano”, “O Nordeste está de muda – Os paus de arara chegam ao paraíso”, e a última em 1955: “Uma tragédia brasileira – Os paus de arara”. Compostas por dezenas de fotografias, o cenário nordestino em meio a seca, o sofrimento dos animais e as feições físicas de homens, mulheres, crianças e idosos antes, durante e após o percurso migratório ganham destaque em maior e menor plano em sucessivas páginas de cada edição, mostrando, criando e reforçando imagens do nordestino como o sujeito pobre que sempre está em busca da sobrevivência.

A REVISTA *O CRUZEIRO* E A FOTORREPORTAGEM NO BRASIL

Acompanhando as transformações ocorridas no Brasil ao longo do século XX, impulsionadas pelas ações governamentais que buscavam desenvolver o país, a imprensa nacional buscou novas formas de se comunicar com o público por meio da adoção de modernos modelos editoriais. Ainda na segunda década do referido século, entrou em circulação a revista *O Cruzeiro*, que acompanhava esse ideário de modernização que o país passava. Ao longo da sua existência, a revista ampliou seu espaço na imprensa brasileira, possuindo circulação nacional e encantando os seus leitores tanto pelo seu modelo inovador para o país na época através das fotorreportagens, como pelas suas páginas impressas em cores (SERPA, 2007).

De propriedade de Assis Chateaubriand, a revista passou ao final da década de 1920 a fazer parte do conglomerado de comunicação criado pelo empresário, denominado *Diários Associados*. Diante do seu perfil editorial e das técnicas de edição

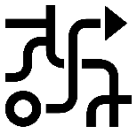


utilizadas, pode-se dizer que “O *Cruzeiro* não apenas foi um veículo de comunicação importante no país, como foi intencionalmente criado para ser porta-voz de uma nova ordem: a modernidade nacional” (SERPA, 2003, p. 29), afirmando-se que “a modernidade era o carro-chefe do semanal (...), cujos ideais eram traduzidos, entre outras estratégias, por meio da veiculação de novos recursos visuais” (SANTOS, 2013, p. 151), seja através da presença da caricatura, da pintura ou da fotografia, expostas nas páginas da revista em cores, com destaque para o fotojornalismo (SERPA, 2007). Tornando-se marco na imprensa nacional, “a variedade e profusão de imagens foram suas principais marcas. Semanalmente a revista era ilustrada com grande quantidade de fotos, *cartoons*, charges e desenhos de todos os tipos, o que a tornava bastante atraente” (ROMANELLO, 2009, p. 56). Ao longo da sua existência, de 1928 até 1975, quando foi descontinuada, a revista produziu documentação vasta sobre o Brasil, sua população, paisagens e momentos históricos atravessados pelo país ao longo dessas décadas.

Com suas origens associadas à reportagem de guerra, a fotojornalismo possibilitou o fornecimento de imagens dos acontecimentos ao público, tornando-se referência no modo de se fazer jornalismo no século XX (MOURA, 2018). Comparativamente,

as diferenças entre a fotojornalismo e a documentação realizada pelos primeiros fotógrafos de imprensa, situam-se na própria concepção de fotografia. Se anteriormente ela era um apêndice do texto, a partir deste momento ela passa a se apresentar um ponto de vista próprio sobre os acontecimentos relatados. A fotografia torna-se construção, segundo estruturas ideológicas nem sempre explícitas, respaldadas na sua pretensa imparcialidade (COSTA, 1993, p. 79).

Como se observa, ao ganhar “vida própria”, no cenário jornalístico, a fotografia não pode mais ser entendida apenas como um anexo ou ilustração, pois da forma como era posta, com cenários e ângulos enquadrados de forma estratégica para chamar a atenção do leitor, resume-se que, embora pense ela ser portadora de afirmada imparcialidade, estava a serviço de um projeto editorial, que assim como o texto, possuía uma linha ideológica e/ou política a ser enfatizada, mesmo que para alguns pretendesse ser implicitamente, de tal modo que a maneira como a fotografia era utilizada, converge para a construção de um projeto, pois



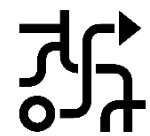
a reportagem fotográfica procura situar o leitor no espaço e no tempo. É comum a abertura ter uma grande foto de impacto, que muitas vezes já dispõe o assunto geograficamente e/ou retrata os personagens da história. O encadeamento das imagens seguintes vai situar o leitor no tempo, ou através da construção de uma sequência fotográfica que funciona como um pequeno filme, ou de imagens isoladas que, mesmo não formando uma série cronológica vão sempre se dispor como imagens concatenadas (SILVA, 2004, p. 36).

Na revista *O Cruzeiro*, o fotojornalismo ganhou destaque a partir de 1944, após a contratação do fotógrafo francês Jean Manzon, passando a ter “um caráter próprio, e isto se deu porque a introdução do conceito coincidiu com a procura de uma compreensão do país, com um universo cultural e social específico, a partir de uma conjuntura política que pregava o nacionalismo” (MOURA, 2018, p. 04). Na sua execução as fotorreportagens eram montadas de modo a causar impacto visual com uma série de fotografias em tamanhos e planos diversos, quase sempre lado a lado, preenchendo páginas sucessivas, muitas vezes com uma legenda que buscava explicar de modo impactante e rápido o objeto/espaço ou sujeito mostrado, com alguns espaços destinados ao texto da reportagem. Durante a década de 1950, o nordestino e as suas migrações foram objeto de exploração pelos repórteres da revista, e os seus rostos ganharam destaque nas páginas a fim de provocar comoção nacional diante da forma penosa como foram mostrados.

A MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS E AS CRIANÇAS MIGRANTES NAS FOTORREPORTAGENS DA *O CRUZEIRO*

“O sertão estava todo se mudando para o Sul”. Com essa fala do prefeito de Salgueiro, Pernambuco, de 1952, mais uma reportagem da *O Cruzeiro* mostrava o deslocamento de nordestinos para os grandes centros do país. Nela, um ingrediente novo é adicionado. Segundo o político, “Já não eram, como nas secas passadas, os jovens imbuídos de um espírito de aventura, que voltavam quando as chuvas caíam. Agora, eram todos, mesmo os velhos, as crianças, as matrizes das famílias que se transportavam em bloco” (SOARES, 1952, p. 57). O caráter familiar dessas migrações é algo importante de ser destacado na literatura sobre o tema; nas reportagens da revista os registros feitos pelas fotografias dão conta do deslocamento de todo o núcleo familiar, incluindo mulheres com crianças de colo.

Em números, pode-se dizer que entre os anos de 1950 e 1960 o Brasil teve o seu mais elevando índice de migração interna, com 5,51% da sua população, sendo

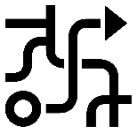


o Nordeste a região que teve maior decréscimo populacional, com 9,78%, enquanto o Sul ganhou 8,25% e o Centro-Oeste, 22,52%, tendo os Estados Nordestinos índices negativos de migração nos seguintes percentuais: Piauí - 15,08%, Ceará - 12,27%, Rio Grande do Norte - 13,82%, Paraíba - 14,97%, Pernambuco - 10,97%, Alagoas - 16,71%, Sergipe - 15,38% e Bahia - 10,47% (GRAHAM; FILHO, 1984).

Independente dos condicionantes, os números revelam o que já se conhece na literatura que versa sobre o tema: o Nordeste viu parte de sua população se esvaindo ao longo do século XIX para o Sul e Centro-Oeste, movimentação que já era alimentada desde o período imperial, se acentuando nesse período e se estendendo até o atual.

Entre os fatores que impulsionavam esses deslocamentos no século passado, pode-se citar desenvolvimento de São Paulo, que na década de 1950, já concentrava 34% da produção do país e no setor industrial, praticamente 50% (VILLA, 2017). Embora seja tema que pode ser amplamente problematizado, as causas das migrações internas ao longo da história do Brasil, bem como a de nordestinos para o eixo Sul-Sudeste, na maioria das vezes associada à pobreza desses migrantes, bem como o menor desenvolvimento econômico do Nordeste ante o incremento econômico e as possíveis oportunidades de emprego no eixo Sul/Sudeste, devemos entender esse fenômeno a partir de causas multifatoriais. A própria estrutura agrária do Brasil e a concentração de terras reforça a ideia de que, sem ter espaço para construir o seu próprio patrimônio no local de origem, o nordestino busca melhores condições de vida nos grandes centros urbanos, o que nem sempre significou nem significa que a empreitada terá como resultado final o alcance do objetivo desejado, porém essa ação pode ser vista como uma forma de resistir às intempéries a que eram expostos, inclusive climáticas, também apontadas como um dos fatores das motilidades nordestinas, citando aqui o caso das secas, pois elas eram fator de impacto no momento da decisão de migrar (FONTES, 2002).

Buscando também mostrar uma explicação para os deslocamentos populacionais do Nordeste, em uma das primeiras fotorreportagens da *O Cruzeiro* sobre o tema, foram apontados alguns fatores principais: “o abandono em que se acha o homem do campo, sem nenhuma assistência moral e material, sem nenhuma garantia das leis trabalhistas, sem nenhuma esperança de possuir um pedaço de terra própria na qual lance suas raízes”, as secas periódicas e o aliciamento dos donos de



caminhões que buscavam iludir os nordestinos “realizando uma verdadeira campanha de imigração” para o Sul, descrevendo-o como terra de oportunidades (MARTINS, 1951, p. 22 A), além da ilusão de conseguirem melhores salários com o desempenho do seu trabalho nessas regiões (LEMOS; MORAES, 1955, p. 75).

Como dito, as secas periódicas que afetaram diferentes partes do Nordeste ao longo do século XX estão entre os elementos que podem ser ditos “expulsores” ou impulsionadores dessas motilidades humanas. As fotorreportagens analisadas buscavam focar de forma bem clara esse fenômeno no Nordeste, seja por meio dos textos, como também das fotografias, que priorizavam ângulos que mostravam um cenário seco. “No rumo nas nuvens fugidas”. Foi assim que a revista legendou uma das dezenas de fotografias que estampavam a reportagem intitulada “O trágico clico das secas – A Odisseia no Nordeste”, da edição de 12 de maio de 1951. Essa já era a terceira fotorreportagem que abordava o mesmo tema, as duas primeiras haviam sido publicadas no mês anterior. Com textos e fotos de João Martins, a fotorreportagem trazia ao todo 18 fotografias, dentre elas, três ocupando a página completa.



Fig. 01: Migrantes “em busca das nuvens fugidas”
Fonte: *O Cruzeiro*, 12 de maio de 1951.

A figura 01 é uma das que ilustram o cenário seco. Na legenda o autor enfoca a permanência da seca e a falta de um programa de combate aos seus efeitos

econômicos sociais e humanos. A saída do lar, o abandono da moradia segura para a busca do incerto era, assim como na figura 01, foco desejado dos repórteres para mostrar os deslocamentos, que captavam ângulos que mostrava o sertanejo saindo de casa levando os seus poucos pertences em sacos pisando o chão seco na busca de providência em outras regiões do Brasil. Na foto 01, em meio aos adultos, duas crianças também engrossam a massa de caminhantes; uma delas parece olhar para trás.

Nas imagens, a seca é a causa principal do abandono do Nordeste. Na figura 02, a legenda: “quando o lar não é mais doce lar. Embora paupérrima, a cabana de sapé é o lar do sertanejo. Mas ele a abandona com toda a família quando vê esgotadas as possibilidades de resistência. Fazem as trouxas e procuram viajar num “pau de araras”. Para onde irão?” (MARTINS, 1951, p. 18 A). Na figura 03, também se atém a expor de forma penosa a condição dos migrantes: como nas páginas bíblicas, as famílias se retiram. Acampam à beira das estradas onde haja sombra” (MARTINS, 1951, p. 15. B).



Fig. 02: Abandono do lar
Fonte: *O Cruzeiro*, 14 de abril de 1951.



Fig. 03: Família migrando em jumento
Fonte: *O Cruzeiro*, 12 de maio de 1951.

A narrativa das fotorreportagens, que enfocavam as secas como motivadoras, trazia fotografias que iam desde e cenários secos, com páginas inteiras com o chão nordestino rachado devido à falta de chuvas, vegetação com galhos secos e retorcidos, animais quase em inanição, a tentativa de fazer roçados em meio à terra

seca e sem vida, a homens e mulheres que estavam dispostos a todo tipo de esforço



para conseguir ter acesso à água.

Fig. 04: Matando a sede Fig. 05: Em busca de água Fig. 06: Vegetação seca
Fonte figuras 04, 05 e 06: *O Cruzeiro*, 12 de maio de 1951.

A forma como a revista expunha o Nordeste e os seus habitantes aos seus leitores provocavam a sensação de terra abandonada, de lugar de dificuldades, onde era uma luta diária a sobrevivência. Todas as fotos mostradas que enfocam uma visão de terra onde a água é um bem buscado a todo custo, e que a ausência de chuva inibe a sobrevivência humana, animal e impede a produção agrícola, faz com que a migração seja justificada pelo fator natural, embora seja sabido que as motilidades de nordestinos eram um dado histórico, visto não haver um programa permanente de combate aos efeitos da seca que atenuasse as suas consequências quando das suas ocorrências. Além da paisagem e a natureza do lugar, o percurso do deslocamento era outro aspecto bem difundido por meio das fotografias. É nesse ponto que tanto o pau de arara, veículo lotado de malas, e pessoas, como também os sujeitos araras, ganham grande espaço, com destaque para os corpos e rostos de mulheres e crianças.



Fig. 07: O embarque
Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.

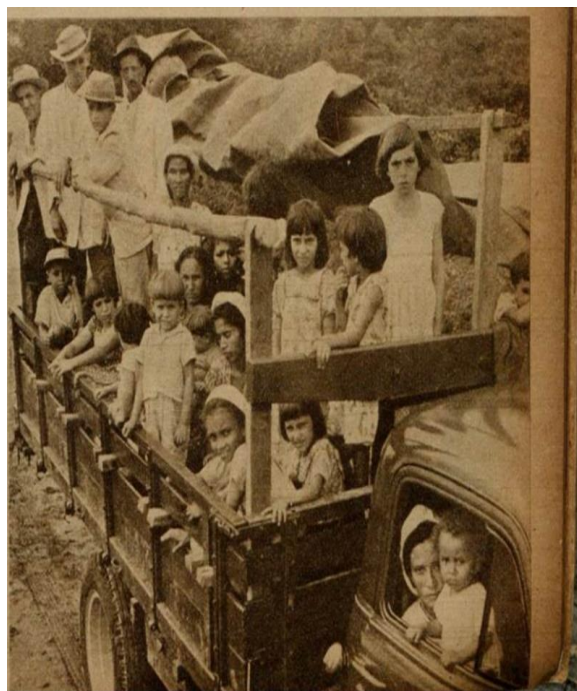


Fig. 08: Nordestinos no pau de arara
Fonte: *O Cruzeiro*, 12 de abril de 1952.

Os viajantes geralmente eram acomodados na carroceria dos caminhões sentados em tábuas estreitas e cobertos por uma lona grossa todos lado a lado. Em ambas as fotografias (figuras 07 e 08), observa-se uma quantidade significativa de crianças nos veículos, bem como de mulheres. Com a finalidade de causar maior impacto, geralmente as fotografias que colocavam mulheres e, principalmente crianças em evidência, eram acompanhadas por uma legenda e/ou comentário com tom penoso. Os nordestinos eram dados como pobres e miseráveis, a sua condição era dada e reforçada como aqueles que, despossuídos de sorte, lançavam-se a o que era classificada como uma aventura, como na figura 09 que diz: “Mulheres. Levando os filhos acompanham os maridos nas grandes aventuras, fugindo à adversidade”, embora reconheça o que melhor seria se permanecessem no seu local de origem, afirmando que “para elas o futuro poderia ser imenso caso encontrassem mais escolas” (MARTINS, 1951, p. 15, A), por isso concluía o repórter que a maior sacrificada era a infância que iria para o Sul ampliar a massa já existente de desamparados e de habitantes nas favelas.



Fig. 09: Mulher e seu filho nordestinos
Fonte: *O Cruzeiro*, 14 de abril de 1951.



Fig. 10: Criança migrante no pau de arara
Fonte: *O Cruzeiro*, 14 de abril de 1951.

Como se observa nas imagens, a migração envolvendo todo o núcleo familiar era uma constante nesses casos, e as crianças eram submetidas à jornada migratória, independente da sua idade. As mães também são destaque entre as imagens, associadas à migração das crianças, pois são quase sempre elas que conduzem-nas no percurso da migração. Com vistas a oferecer uma visão ampla do sofrimento infantil, as mães ganham destaque entre as fotografias, seja alimentando os seus progenitores ou segurando-os no colo junto com os demais objetos que conseguiam levar consigo em meio ao percurso e à parada quando chegavam no local de destino. Na imagem abaixo (figura 11) uma mãe nordestina amamenta o seu filho. No ato, observa-se o olhar cansado daquela que supostamente já teria viajado centenas de quilômetros nas tábuas desconfortáveis do pau de arara, segurando o seu filho no colo. Ao longo do percurso os repórteres, por mais de uma vez, registraram em texto o choro das crianças, que chegara a incomodar outros viajantes (SILVA; SILVA, 1951, B).



Fig. 11: Mãe amamentando
 Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.



Fig. 12: Mãe com filhos no colo
 Fonte: *O Cruzeiro*, 19 de abril de 1952.

Na figura 12, as crianças com a mãe mais uma vez são protagonistas da cena retratada. O olhar vacilante da mulher enquanto amamenta um filho e segura o outro no colo, enquanto esse dorme, possui uma gama de significados e sentimentos que perpassam o momento congelado na fotografia. Para a mulher e mãe deslocar-se da sua terra e expor os seus filhos aos tipos de provação a que eram submetidos talvez possuísse mais significado do que para os homens. Eram elas que apareciam quase sempre agarrando-os ao colo, alimentavam-lhes mais diretamente, tentavam consolar o seu choro e certamente estavam lutando a todo instante para proteger as suas crias da poeira das estradas em que percorriam os caminhões.

Nas figuras 13 e 14, observa-se o trabalho duplo dessas mulheres no percurso da migração: além de levarem os filhos no colo, também transportavam as suas bagagens da forma como conseguiam. Em uma delas, a mãe aparentemente jovem leva o seu filho nos braços juntamente com uma série de objetos que se sobrepõem ao corpo do mesmo. Na imagem seguinte, a mulher equilibra-se entre segurar o filho com os braços e transportar uma mala, supostamente de madeira em sua cabeça em um verdadeiro malabarismo.



Fig. 13: Nordestina com filho no colo Fig. 14: Mãe leva filho no colo e bagagem
 Fonte: *O Cruzeiro*, 19 de abril de 1952. Fonte: *O Cruzeiro*, 19 de abril de 1952.

Aparecendo nas fotorreportagens no colo das mães, ou em fotos individuais, ou em grupos, a criança nordestina era vista como sinônimo de resistência, mesmo diante da adversidade a que era submetida desde o nascimento, por ser considerada pertencente “a raça mais forte do Brasil”, que devido ao “depuramento natural causado pelo meio hostil em que vive, só os fortes sobrevivem”, possuindo robustez, “apesar da miséria em que vive” (MARTINS, de 1951, p. 13, B). As conclusões, possivelmente inspiradas na afirmação de Euclides da Cunha “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1990, p. 92). Contrastava com a realidade a que as crianças passavam ao longo e após o trajeto até o destino. Com poucos recursos financeiros para se manterem por diversos dias viajando, a fome era uma realidade presente nos caminhões de migrantes e as mais vitimadas entre todos eram as crianças, pois quase sempre a alimentação era restrita “a ração a um verdadeiro quebra-jejum, as crianças acabam adoecendo e morrendo”. Citando “dois exemplos trágicos”, confirmou a reportagem: em menos de dez dias morreram duas crianças, por inanição, “eufemismo para “MORRERAM DE FOME” (SILVA; SILVA, 1951, p. 22, B). A reportagem publicada em 21 de abril de 1951, intitulada “A tragédia dos deslocamentos nacionais - Sertanejos no asfalto”, foi dentre elas a que deu amplo destaque para o sofrimento e a morte infantil durante as migrações. Nela, duas

páginas completas foram impressas, respectivas fotografias, em uma a criança agonizando na sua “derradeira luta” quando foi fotografada. Descrita como uma criança “que já nasceu sofrendo e não resistiu às privações da viagem”, tonando-se “mais uma vítima”; na outra, a criança em seu “derradeiro sono” em uma “pedra fria”, sendo lá deixada e os pais sendo obrigados a seguir viagem.

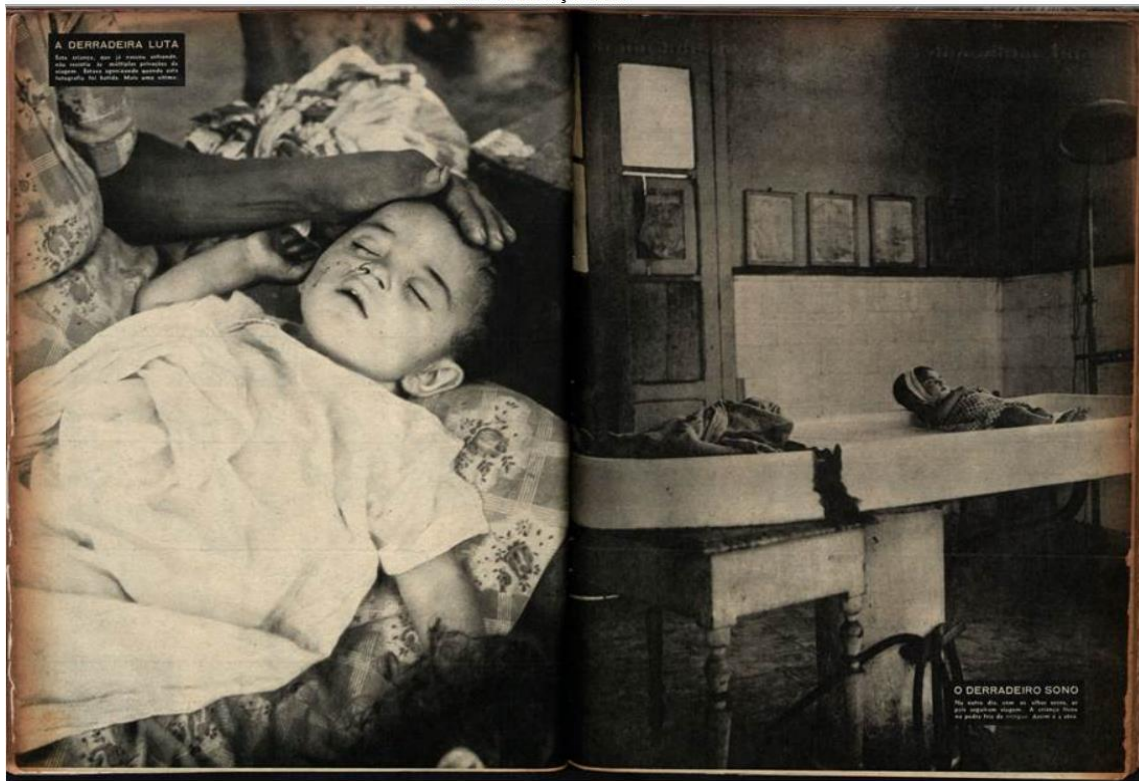


Figura 14: Criança vitimada durante a migração
Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.

Longe de ser restrito a poucos casos, a morte² de crianças nesse trajeto, e o conseqüente abandono do seu corpo em “pedras frias” o seu sepultamento em covas rasas na margem das rodovias era uma constante. Sem ter mais o que providenciar, os pais continuavam o trajeto, agora com a família reduzida. Nesse contexto, parece-nos fácil compreender que “o conceito social de infância era, de fato, determinado pela consciência um tanto fatalista de que uma criança podia estar presente um dia e no dia seguinte não mais” (PANCINO; SILVERIA, 2010, p. 186). Em uma época em que a mortalidade infantil não era restrita a casos isolados, “as próprias crianças não eram

² Para conhecer dados sobre a mortalidade infantil no Brasil ao longo do século XX, ver: IBGE. *Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil*. IBGE, Departamento da População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

mantidas alheias ao fato de que a morte as espreitava” (PANCINO; SILVERIA, 2010, p. 184).

Aos sobreviventes do percurso, continuava a luta ao chegarem ao local de destino. Desnutridos e famintos, nem sempre encontravam acomodações quando eram largados juntamente com os seus pais pelos motoristas dos caminhões em algum ponto de São Paulo ou do Rio de Janeiro, nesses locais comiam o que conseguiam encontrar e eram acomodados no chão (figura 15). Importante compreender o impacto gerado na vida dessas crianças ao serem levadas a migrar, pois “todos os eventos, grandes e pequenos, terão repercussões sobre as crianças, como parte da sociedade; e, em consequência, elas terão reivindicações a serem consideradas nas análises e nos debates acerca de qualquer questão social maior” (QVORTRUP, 2011, p. 202).



Fig. 15: Migrantes após chegarem ao seu local de destino
Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.

Dado o interesse em mostrar os rostos cansados e sofridos, as crianças em estado de enfado eram preferidas para registros nas fotos que eram impressas em sequência preenchendo páginas inteiras das fotorreportagens, como mostram figuras seguintes:



Fig. 16: Crianças nordestinas migrantes.
Fonte: *O Cruzeiro*, 19 de abril de 1952.



Fig. 17: Crianças migrantes se alimentando e sentadas no chão
Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.



Fig. 18: Crianças migrantes
Fonte: *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951.



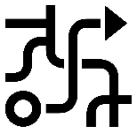
Fig. 19: Crianças migrantes.
Fonte: *O Cruzeiro*, 26 de abril de 1952.



Fig. 20: Crianças migrantes
Fonte: *O Cruzeiro*, 12 de abril de 1952.

Analisadas em conjunto, as oito fotografias presentes nas figuras 16 a 20, revelam momentos que quebraram a rotina de vida dessas crianças. Elas, em poucos anos de vida, já haviam viajado centenas de quilômetros e que dificilmente entendiam o sentido e o significado do que estava ocorrendo. Pode-se dizer que era uma transformação no seu percurso comum da vida, que, embora com dificuldades onde viviam, possuíam uma cama ou uma rede para dormir. “No Sul, após a chegada, crianças e adultos ficavam nas estações em busca de bilhetes para a continuação da jornada à espera de um destino final. Sem ter condições de pagar locais adequados para se acomodarem, dormiam amontoadas no chão, usando como apoio os seus próprios pertences” (SILVA, 2022, p. 185).

Após a empreitada migratória, quase tudo se tornava incerto. Ao chegarem em pontos desconhecidos, em meio a uma quantidade cada vez mais crescente de pessoas que aos seus olhos também eram estranhas, possivelmente explodia dentro de cada uma delas uma gama de sentimentos, entre eles, o medo. Para as que ainda eram amamentadas e dependiam do colo das mães para se locomoverem, além do cansaço físico e da exposição à poeira e a doenças, a mudança do local de origem para o Sul, naquele momento ainda não representava muito estranhamento, mas para as crianças que percebiam e vivenciavam cada experiência, desde o sair da casa onde moravam no Nordeste até a chegada aos grandes centros, a migração era mais do que uma aventura. Era uma sucessão de fatos novos que deveriam ser assimilados rapidamente, sem que as crianças tivessem tempo para compreender, algo que certamente nem os adultos tinham capacidade naquele momento, ao se mudarem de



uma parte do país com as suas famílias para outras regiões que eram “*adversas* a sua familiaridade. Sem o propósito de qualificar e adjetivar tal mudança entre boa ou ruim, o que se expõem é uma realidade infantil que, ocultada, deixa de considerar a alteridade da criança que exerce papel em seu processo de desenvolvimento integral” (ALCUBIERRE, 2017, p. 53).

Nesses intercursos de mudança de vida, pode-se afirmar que a infância era afetada de alguma forma. Se ao chegarem ao destino teriam que se adaptar a acomodações, a princípio, às vezes nas estações, rodoviárias ou nas hospedarias de imigrantes até que a família conseguisse se estabelecer em alguma moradia, quando conseguia trabalho, pois estar em São Paulo, Rio de Janeiro ou outro centro econômico mais desenvolvido na época nem sempre era garantia de que a migração tinha sido bem-sucedida. Isto pelo fato de ser grossa a camada de desempregados nordestinos nesses locais, o que inviabilizava o alcance do sucesso desejado quando do empreendimento da migração. Essas crianças que dormiam no chão, amontoadas, às vezes umas sobre as outras, envoltos em lençóis de pano grosso ou sacos, expostas ao relento e com olhares atentos ao que ocorria a sua volta, quando não vencidas pelo cansaço, estavam acima de tudo interessadas em se alimentar. Com uma ração quase sempre à base de rapadura e farinha, como enfocou uma das reportagens, sorte daqueles que conseguiam pão ou alguma fruta para comer, vistos os recursos que seus familiares levavam consigo que eram escassos e em muitos casos se extinguíam ainda durante a viagem, ficando toda a família sem ter como comprar alimento.

De modo geral, as fotografias mostram as crianças em contextos díspares, porém ao enfocarem seus rostos abatidos se nutrindo em lugares diversos, no percurso ou no local-destino, seja no seio da mãe ou com algum outro alimento, busca-se mostrar o contraste seca e fome e atenta-se para a migração provocada pela necessidade de sobrevivência, o que em última instância significava para o nordestino ter o alimento diário. Buscar o mínimo para comer, para a imprensa significava sobreviver, fazendo com que ela atribuísse os mesmos significados penosos, com o uso de palavras como “tragédia”, “drama”, “fome”, “miséria” e “retirantes”, quase sempre utilizadas nos títulos das fotorreportagens e em grande destaque.

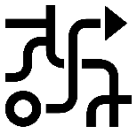


É de se notar a grande relevância dada à condição da criança nas fotografias. Entre tantos cenários e rostos expostos em sequência, encontram-se, embora sem muita problematização, e de certa forma proposital, dezenas de rostos infantis em situações dignas de pena. Partindo disso, concordamos que

as crianças estiveram expostas sob circunstâncias que historicamente remontam a definição de infância que nossa sociedade construiu ao longo de sua história. Em uma sociedade regida pela divisão de classe que seus sujeitos pertencem, as crianças não estão à parte destas desigualdades produzidas e necessárias para a expansão capitalista (ALCUBIERRE, 2017, p. 54).

Afetadas pelo contexto amplo, social e econômico em que estavam inseridas, as crianças eram vítimas das desigualdades sociais do Brasil, que se davam em âmbito social e regional. Oriundas do Nordeste “seco”, já nasciam, segundo a revista, com a missão de resistir, de ser forte. Embora essa reprodução seja o pensamento dos repórteres na época, a própria revista enfocou mais de uma vez a forma desigual como o Nordeste era tratado pelo governo federal, principalmente em épocas de crises climáticas e após elas, reconhecendo que se houvesse assistência suficiente na região de origem desses migrantes, bem como formas de desenvolvimentos locais incentivadas pelo poder público, essas migrações seriam minoradas e as crianças certamente não seriam afetadas da maneira como foram, pois quando a criança é forçada a migrar com sua família ela torna-se vítima e agente do processo. Vítima por estar submetida a todo tipo de adversidade que possa existir ao longo do percurso e após chegar ao local de destino, ter que se adaptar a um local e a pessoas diferentes, inclusive aspectos culturais incomuns aos seus, bem como continuar passando por privações nutricionais, habitacionais e em muitos casos ser levada para a exploração do trabalho infantil, em detrimento de serem encaminhadas para as escolas, e em último caso ser levada à marginalidade e à criminalidade.

Entre tantos destinos e possibilidades, a criança nordestina que migrava nos paus de arara era para a imprensa produto de divulgação da seca e das mazelas do Nordeste, por ser matéria que chamava a atenção pela penosidade capaz de gerar entre os leitores. Não à toa, foram em dois anos seguidos publicadas sucessivas fotorreportagens sobre o tema, sempre enfocando a imagens de homens, mulheres e, em grande medida, a condição das crianças. Dadas as intenções de comercialização para vender exemplares, a publicação de seis reportagens quase consecutivas no primeiro semestre de 1951 e 1952 pode ser também interpretada por



meio do aspecto da dinâmica política brasileira, quando o país era governando por Getúlio Vargas e o proprietário da revista, Assis Chateaubriand, fazia oposição ao presidente³.

CONSIDERAÇÕES

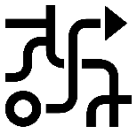
Na carroceria dos caminhões, empoeiradas, mal vestidas, com olhos vacilantes ou arregalados, descabeladas, amontadas ao dormirem no colo das mães, se alimentando ou “perdidas” no Sul desconhecido, a criança nordestina que migrou na década de 1950 foi flagrada sob diversos aspectos pela revista *O Cruzeiro*, e foi transformada em matéria-prima para suas páginas em fotorreportagens compostas por dezenas de fotografias, que valorizavam diversos ângulos da situação em que não só as crianças, mas todos os migrantes se encontravam.

Mais do que serem apenas fotografias de uma realidade dada no nosso país em uma determinada época, os rostos, os corpos e os olhares de crianças expostos pela imprensa no começo da segunda metade do século XX no Brasil, ainda vivendo em condição de vulnerabilidade social, tendo que migrar, tendo sua infância afetada e tendo o seu corpo e a sua vida expostos a todo tipo de intempéries, maiores que a seca, do local onde partiam, servem para repensarmos a condição a que as crianças brasileiras eram e também são tratadas.

Não se pode negar que as fotorreportagens funcionavam como uma maneira de denunciar a situação da criança e daquelas famílias migrantes, embora a função da sua produção possa não ser necessariamente elas, vistos os demais interesses econômicos e políticos que perpassam a linha editorial de um veículo de comunicação. Mesmo com isso, cumpre papel como documento histórico valioso de um período da história do Brasil que, longe de ser estaque, ainda se repete até os dias atuais, quando nordestinos se sentem na necessidade de migrar para diferentes regiões do Brasil em busca de melhorias para as suas condições de vida, e com elas levam as suas crianças.

Com isso, cumpre sempre observar o lugar da criança na imprensa, as situações e a forma como elas ganham destaque, bem como a condição de vida da criança migrante, seja a do século passado, que experimentou diversas sensações ao

³ Sobre o tema ver: MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



se deslocar do Nordeste para o Sul, assim como as atuais. Esse deve ser o papel da imprensa e da história. Registrar, analisar e quando possível denunciar, nunca fazendo esquecer as lutas e histórias do povo nordestino e da criança migrante.

REFERÊNCIAS

ALCUBIERRE, Karina Strohhecker Lisa. *Crianças migrantes: sentidos e memórias da objetividade vivida*. (Dissertação) 285f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1954

COSTA, Melouise. Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, jan./dez. 1993.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. A iconografia do medo (imagens, imaginário e memória da cólera no século XIX). In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. 412f. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

GRAHAM, Douglas H. FILHO, Sérgio Buarque de Holanda. *Migrações internas no Brasil: 1972-1970*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1984.

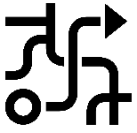
IBGE. *Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil*. IBGE, Departamento da População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOURA, Ranielle Leal. José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6oencontro20081/Jose%20Medeiros%20e%20o%20fotojornalismo%20na%20Revista%20O%20Cruzeiro.pdf>>. Acesso em: março de 2023.

PANCINO, Claudia e SILVERIA Lygia. “Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na Idade Moderna. *Cad. hist. ciênc.*, São Paulo v. 6 n. 1, jan./jul. 2010.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1, 2011.



ROMANELLO, Jorge Luiz. Uma história da revista O Cruzeiro 1930-1960. In: GAWRYSEWSKI, Alberto. *O Cruzeiro: uma revista (muito) Ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos; MANNALA, Thaís. Modernidade e visualidade no projeto editorial da revista O Cruzeiro (1928-1945). *Visualidades*, Goiânia v.11 n.1, p. 149-171, jan./jun. 2013.

SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. 180 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo, 2003.

SERPA, Leoní. A contribuição de *O Cruzeiro* para com o jornalismo brasileiro (1928-1945). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. Os paus de arara: a migração de nordestinos na década de 1950, sob o olhar das fotorreportagens da revista O Cruzeiro. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica – CLIO*, Recife, Online), ISSN: 2525-5649, v. 40, p. 171-198, jul./dez., 2022.

SILVA, Silvana Louzada da. *Fotójornalismo em revista: o fotójornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart*. 2004. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2004.

VILLA, Marco Antonio. *Quando eu vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo*. Rio de Janeiro: LaYa, 2017.

FONTES REVISTA O CRUZEIRO

FERREIRA, Jorge; BALLOT, Henri. Retirantes em São Paulo – Gado Humano. *O Cruzeiro* de 19 de abril de 1952.

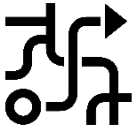
LEMOS, Ubiratan; MORAES, Mário. Uma tragédia brasileira – Os paus de arara. *O Cruzeiro*, de 22 de outubro de 1955.

MARTINS, Fontes. O trágico clico das secas – A odisseia do Nordeste. *O Cruzeiro*, 12 de maio de 1951, B.

MARTINS, João. O drama dos paus de arara – A retirada da fome. *O Cruzeiro*, 14 de abril de 1951, A.

MOREIRA, Neiva; BRAGA, Badaró. O Nordeste está de muda – Os paus de arara chegam ao paraíso. *O Cruzeiro*, 26 de abril de 1952.

SILVA, Álvares da; SILVA, Eugênio H. A tragédia dos deslocamentos nacionais - Sertanejos no asfalto. *O Cruzeiro*, 21 de abril de 1951, B.



SILVA, Álvares da; SILVA, Eugênio H. Arigós em paus de araras – A fuga da seca e da miséria. *O Cruzeiro*, 12 de abril de 1952, A.

Recebido em 27/05/2023

Aprovado em 07/12/2023